

**EDITORIAL DE SETEMBRO:**

## **EM PERÍODO ELEITORAL, O QUE SE PROPÕE PARA O ENSINO MÉDIO?**

Neste mês que precede a realização das eleições, meios de comunicação e candidatos distribuem um conjunto de propostas para resolver os dilemas do país: educação, saúde, mobilidade urbana, entre outros. Com diferentes matizes e nuances, possíveis respostas são apresentadas. A maior parte delas sem o devido estudo e aprofundamento diante da complexidade que as envolve. Uma destas situações diz respeito às políticas públicas para o Ensino Médio.

Os rumos do Ensino Médio brasileiro e catarinense são cercados de polêmicas, como a Reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC Ensino Médio, ainda em consulta pública e aguardando homologação pelo Conselho Nacional de Educação – duas temáticas já tratadas nos editoriais anteriores.

Para avaliarmos a complexidade que envolve esta temática podemos nos referir a uma reportagem, publicada recentemente por um importante veículo de comunicação que atua no Estado de Santa Catarina, intitulada: **Ensino Médio e Evasão Escolar são os desafios da educação para o próximo governador**. De acordo com a reportagem, 25 entidades consultadas sobre os desafios da Educação no Projeto Santa Catarina Ainda Melhor apresentaram sugestões que foram sintetizadas em três ações essenciais para a área. São elas: 1. “Desenvolver medidas a longo prazo para qualificar a educação e manter crianças e jovens na escola; 2. Ter a tecnologia como aliada para baratear o sistema e para atrair o interesse dos alunos; 3. Criar ações de longo prazo que foquem a formação de novos cidadãos, e não apenas o conhecimento (sic!).”

Causa-nos apreensão observar que, nestas proposições, a “tecnologia” é apresentada como solução econômica e a “formação de novos cidadãos” subestime o “conhecimento”.

É fato que, no que diz respeito ao Ensino Médio, estamos envoltos em discussões sobre a abusiva fragmentação do conhecimento em disciplinas e respectivos conteúdos, bem como sobre a frágil relação entre estes conteúdos e dimensões como trabalho, tecnologia, ciência e cultura. Utiliza-se, com muita frequência, o termo “conteudismo” para argumentar sobre o excesso de conteúdo sem significado que não possibilita acesso ao conhecimento, nem forma o estudante para identificar e resolver seus problemas cotidianos. Avaliações de larga escala (por exemplo, ENEM, PISA e outros)

e índices educacionais diversos (como por ex.: o IDEB) apontam a precariedade no processo de apropriação dos conhecimentos por parte dos alunos matriculados no Ensino Médio e, nesta mesma linha, professores e escolas são chamados de ‘analfabetos digitais’ em contraste com uma das características da juventude atual.

Entretanto, não existem soluções fáceis e para propor é preciso olhar para além da superfície. No emaranhado de significados da pedagogia das competências, dos discursos sobre inovações ou nos compromissos de educação para o futuro, é imprescindível compreender sobre qual escola de Ensino Médio estamos falando. Ou como disse Sacristán (2013)<sup>1</sup> “[...] *distinguir o essencial do irrelevante, ter um pensamento racional e ordenado, distinguir o que são fatos do que são opiniões, saber argumentar e se expressar de maneira mais precisa, correta e bela possível, já eram metas indispensáveis para a melhoria da condição humana quando a sociedade não se chamava sociedade “da informação”(grifo nosso)*” e, portanto, uma das tarefas da escolaridade.

Estamos afirmando, portanto, que para qualificar a educação e formar novos cidadãos é necessário ressignificar o conceito de escolaridade e recuperar a confiança nos processos de aprendizagem proporcionados por ela.

Interessam-nos propostas de governo para o Ensino Médio que demandem: a) reconhecer novos suportes de saber e avaliar as condições de acesso às informações, desde a disponibilidade de recursos tecnológicos até as condições de uso e a relevância do que aprender; b) elaborar um currículo que selecione conteúdos heurísticos os quais permitam o desenvolvimento dos processos cognitivos; e c) compreender que o valor do trabalho na sociedade contemporânea está diretamente relacionado à inteligência, concebida como a capacidade de aprender a “transformar estruturalmente” aquilo que se aprende.

E, nestes tempos eleitorais, nosso maior desejo é de que o próximo governador possibilite à comunidade educacional que se manifeste e reinvente o futuro do Ensino Médio catarinense.

**Prof. Dra. Cássia Ferri**

Doutora em Educação – Currículo

Pesquisadora e membro do OEMESC

---

<sup>1</sup> SACRISTÁN, J.G. (org.) Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013.

OEMESC	Editorial mensal	<a href="http://www.udesc.br/ensinomedioemsc">http://www.udesc.br/ensinomedioemsc</a>	Set. 2018
--------	---------------------	---	-----------